

# HIPÓTESES HERMENÊUTICAS: leituras sobre a grande política em Nietzsche

Wainer Furtado Neves

## RESUMO

A carga semântica do pensamento nietzschiano perpassa a temporalidade de sua própria significação, a relevância de tal legado nos põe em discussão sobre uma perspectiva pouco debatida entre acadêmicos, a saber, a política. O objetivo deste artigo é desenvolver uma reflexão do pensamento político em Friedrich Nietzsche cujo esforço se coloca na interpretação de uma conjuntura de obras que mantém uma interlocução pelo viés de um contra movimento, desferindo vários golpes à homogeneização de uma cultura européia decadente. Logo, contra um pseudo humanismo apoiado na igualdade de todos (caricatura da modernidade), contra a modernidade político moral do Ocidente e contra o programa iluminista progressista de melhoramento do homem (unilateralidade político moral), Nietzsche lança a perspectiva de um contra discurso pelo viés de um pensamento apolítico elegendo a transvaloração de todos os valores modernos como o ápice da superação da tradição política moral, cuja possibilidade de transvalorar passou a ser desenhada na perspectiva niilista, fio condutor para interpretar a história Ocidental como decadente e analisar criticamente o presente.

**Palavras-chave:** Grande Política. Decadente. Transvaloração. Niilista.

## 1 INTRODUÇÃO

O pensamento político de Nietzsche é sintomático, e conseguiu absorver toda efervescência intelectual aflorada num período em que a modernidade entrou numa crise de ideais, sobretudo, políticos, culturais e econômicos em pleno século XIX. Será nesse período que Nietzsche lançará um ataque à moralidade ocidental que norteou toda uma tradição ocidental e que agora se tornou alvo das críticas nietzschianas. Para tanto, Nietzsche esboçou um método de investigação acerca dessa tradição moral e cultural do Ocidente intitulado *Genealogia da Moral*, método que tentaremos desenvolver como objeto de reflexão cultural e também político.

Outro conceito que adotaremos para uma reflexão do pensamento perspectivista político de Nietzsche é o conceito de Niilismo. Dimensionar o Niilismo numa configuração política e ainda mais cultural sob o aspecto da transvaloração dos valores é traçar uma crítica contundente à modernidade e a tradição moral política do Ocidente sob a égide da lógica decadencial na qual Nietzsche percebeu a Humanidade.

Desenvolver o pensamento político de Nietzsche é o nosso principal foco para este artigo e consideramos salutar a compreensão tanto do movimento de transvaloração quanto do entendimento do conceito de Niilismo para o filósofo em questão, na tentativa de interpretar os horizontes

que o conceito da Grande Política em Nietzsche nos apresenta, até mesmo pelos desafios que nos circunda ao tocar em tal conceito ainda pouco escavado pelos comentadores de Nietzsche na conjuntura atual. Nossa pesquisa é de natureza bibliográfica e a metodologia a ser aplicada é hermenêutica e perspectivista.

## 2 A GRANDE POLÍTICA E A TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

Iniciamos este ensaio enunciando a afirmação de que a tarefa da Grande Política para Nietzsche perpassou pela reavaliação de todos os valores e a favor de uma autossuperação da moralidade, tarefa esta propiciada pelo momento histórico na qual a Europa do século XIX estava submersa, além da mesma também se encontrar num período de decadência cultural, política e econômica. Nietzsche diagnosticou que a política, bem como toda a modernidade seriam expressões sintomáticas de decadência, em virtude de alguns critérios, tais como, a supervalorização do Estado e a dominação dos ideais modernos, tanto quanto dos ideais democráticos, que estabeleceram a pretensa uniformidade de todos perante o ideal de igualdade.

O movimento democrático, que dominou a Europa de seu tempo, é visto por Nietzsche como forma de decadência da organização política, e concomitante a isso, de decadência do próprio homem, isto é, de diminuição deste, mediocrização e rebaixamento do seu valor existencial, uma vez transformado em um perfeito animal de rebanho. Ora, após evidenciar que a modernidade e seus ideais são sintomas de decadência, e que o homem está em vias de desaparecer, mediante a tentativa de legislar uma uniformidade de igualização de toda a espécie humana perante uma moralidade universalizadora latente da tradição judaica cristã, Nietzsche então lançou mão do projeto “tornar-se o que se é”. Segundo o filósofo alemão, o projeto de uma genealogia da moral é inseparável da tarefa de “tornarmo-nos o que somos” – ápice da sua Grande Política.

O propósito não deve ser executar uma simples condenação completa da moral, mas buscar superar essa moralidade da tradição alicerçada na crença em ideais e em verdades absolutas, para então criar novas condições para legitimar a existência humana perante a dialética da negação e da afirmação da vida.

A interpretação é sempre a imposição de uma perspectiva, como já considerava o filósofo alemão, portanto, Nietzsche apresentou um projeto de uma genealogia que modelou a sua proposta de uma transvaloração de todos os valores, como parte integrante da sua perspectiva maior nomeada como Grande Política. Mas algumas questões precisam ser esclarecidas sobre a genealogia a fim de que se evidencie sua relação com o processo de transvaloração e com o pensamento político nietzschiano. Perguntas como: O que quer dizer genealogia? Qual o significado de uma genealogia da moral e em que consiste o método genealógico? São fundamentais e a resposta a elas figuram como condição de possibilidade para entender o passo dado por Nietzsche rumo à inversão dos valores por meio da transvaloração. Entretanto, foge ao propósito desse ensaio analisar, *pari passu*, as dissertações e conceitos que surgem na obra *A Genealogia da Moral*, tais como: “Bem e Mal”, “Bom e Mau”; “Culpa” e “Má Consciência”; “Ideais Ascéticos”.

Importa-nos encarar a genealogia, que Nietzsche planejou e executou, como um método investigativo hermenêutico, como uma estratégia filosófica que acabou por examinar a historicidade que a tradição moral e filosófica do Ocidente construiu, mediante uma autolegislação valorativa da pretensa universalidade de uma verdade, ou melhor, de ideais de valores de verdade, segundo Nietzsche, *um batalhão móvel de metáforas*.

Deleuze (1996, p. 2), na obra *Nietzsche e a Filosofia*, esclareceu acerca do que vem a ser a Genealogia:

Genealogia quer dizer, ao mesmo tempo, valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo, este é o elemento propriamente genealógico ou crítico.

Nietzsche então mobilizou a sua genealogia a favor do entendimento acerca da escalada dos valores e dos ideais que nutriram a seiva da modernidade sobre a égide de uma moralidade universal, que repousou em uma vontade de verdade, vontade esta que tornou tudo igual, nivelou, homogeneizou e atendeu a necessidade de negar quaisquer diferenças. Para Nietzsche, a vontade de verdade e a moral não se dissociam, ambas caminharam de mãos dadas para negar a vida em detrimento de valores altruístas, instintos de conservação e compaixão, ressentimento, renúncia e abnegação, em prol de valores supraterrâneos, metafísicos, absolutistas e dogmáticos e, por assim dizer, negadores da vida.

De acordo com Azambuja (2013), em sua *Introdução ao método genealógico de Nietzsche*, a genealogia aprimorou uma fundamentação moral que deveria estar o mais distante possível das perspectivas clássicas e dominantes, assim como, as idealistas, metafísicas ou racionalistas. Primeiramente, porque não se tratou, absolutamente, de voltar os olhos para um ideal de perfeição do bem moral, desde sempre e para sempre existente no mundo das formas, como queria o idealismo platônico, tão bombardeado por Nietzsche. Não existe, também, uma moral a ser fundada a partir da existência de mundos-além, tal como boa parte dos grandes sistemas religiosos preconizavam, nem uma moral fundada na razão pura prática, como pretenderia a perspectiva kantiana. Todas estas são perspectivas que operam de forma idealista ou reativa de acordo com a visão genealógica nietzschiana.

Hatab (2010), na obra *Genealogia da Moral de Nietzsche*, descreve sucintamente a trajetória das três dissertações e cada conceito abordado pela *Genealogia da Moral* e nos conduz à interpretação de que a história genealógica desdobrada no decorrer da obra tem o objetivo de, esclarecer e também criticar os impulsos contranaturais na cultura europeia e de todo Ocidente, ainda segundo Hatab (2010, p. 188):

A Primeira Dissertação se encontra em desmitificar nossas confianças morais ao traçar os valores estimados para fontes pré-modernas na moral escrava e no Cristianismo, que foram marcadas por uma incapacidade de obedecer e uma tentativa de superar as forças mais naturais de poder e valor na moral do mestre. Na Segunda Dissertação, mostra-se, então, que a moral moderna herdou os valores escravos e os converteu em normas supostamente mundanas e seculares. A Terceira Dissertação foca no ideal ascético como o termo organizador dos valores contranaturais e a força retórica desse termo organizador dos valores contranaturais e a força retórica desse termo tem o objetivo de perturbar a confiança no que o Nietzsche considera como a mais profunda, a mais extensiva e mais abrangente manifestação do ideal

ascético: a crença na verdade. O alvo principal é uma crença em um modelo binário e incondicional de verdade que almeja imunidade de qualquer mancha de alteridade, um modelo que, de acordo com Nietzsche, mostra-se na ciência e na filosofia modernas não menos do que em sistemas religiosos transcendentais.

Nietzsche estava mais do que disposto, em sua *Genealogia da Moral*, a libertar seus leitores e intérpretes da moral cristã, conferindo a ela uma crítica radical, concedendo liberdade aos espíritos que debruçam seus olhos e ouvidos a favor de compreender a história moral realmente vivida pelas culturas, movimentos e revoluções, para entender as lutas morais e os valores que prevaleceram e submergiram, em suma, compreender quem e o que foi verdadeiramente bom e mau, bem e mal, nos reais processos sociais experimentados pela humanidade.

O método genealógico em Nietzsche clamou pelo sepultamento da confiança moral, culminando na crítica da moral, operando assim uma profunda incursão pelos corredores labirínticos a favor de uma desconstrução, desestabilização das verdades- metafísicas pulverizadas pela “[...] invenção platônica do puro espírito e do bem em si, ou seja, por um profundo amor à verdade [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 12).

Nietzsche sintetiza o processo de realização de sua crítica através do método genealógico, sob uma ótica que traduz muito bem sua postura intelectual de uma fundamentação empirista e histórica, distanciando-se de pressupostos idealistas.

[...] Necessitamos de uma ‘crítica’ dos valores morais e antes de tudo deve discutir-se o ‘valor destes valores’, e por isso é de toda a necessidade conhecer as condições e o meio ambiente em que nasceram, em que se desenvolveram e deformaram (a moral como consequência, como máscara, como hipocrisia, como enfermidade ou como equívoco, e também a moral como causa, remédio, estimulante, freio ou veneno), um conhecimento de tal espécie nunca teve outro semelhante, nem é possível que não o tenha nunca desejado. Dava-se como existente o ‘valor destes valores’ como um verdadeiro postulado; até agora nunca se duvidou nem se hesitou de atribuir um valor do ‘bem’ superior ao ‘mal’, ao valor do progresso, da utilidade, inclusive o futuro homem. E por quê? Não poderia ser verdade o contrário? Não poderia haver no homem ‘bom’ um sintoma de retrocesso, um perigo, uma sedução, um veneno, um ‘narcótico’ que desse vida ao presente a ‘expensas do futuro?’ uma vida mais agradável, mais inofensiva, mas também mais mesquinha, mais baixa?... De tal modo que fosse culpa da moral o não ter o tipo homem alcançado o mais alto grau do poder e do esplendor? E de que, entre todos os perigos, fosse a moral o perigo por excelência?... Depois que se abriu ante os meus olhos esta perspectiva, procurei colaboradores eruditos, audazes e laboriosos (e a ainda os procuro) (NIETZSCHE, 2013, p. 28-29).

O filósofo alemão assim declarou uma guerra à moralidade cristalizada pela tradição, lembremos que a Grande Política representa uma guerra, porém uma guerra de espíritos, somente os espíritos que já se dispuseram a ser audazes e laboriosos estarão aptos à ação criadora, culminando em ultrapassar a moralidade cristã, estabelecendo novos preceitos, novas normas a favor da terra, da sua natureza, e de todos os valores afirmadores da vida, que foram relegados à extinção/negação por serem valorados como degenerativos pelos ideais supra-humanos (metafísicos cristãos).

De acordo com Young (2014), a obra *Genealogia da Moral* surgiu no intuito de Nietzsche trazer uma ampliação da obra já escrita e publicada, a saber, *Além do Bem e do Mal. Genealogia da Moral* referia-se à sua “declaração de guerra à moralidade”, uma vez que essa guerra já tinha sido declamada nos aforismo de *Humano, demasiado Humano*.

O conteúdo básico de *A Genealogia da Moral* foi escrito em três semanas, de 10 a 30 de julho. Porém, Nietzsche ainda acrescentou pequenos detalhes no final de agosto. Por ser o mais orgânico de todos os livros de Nietzsche, com uma organização precisa, por seus padrões de acordo com as diretrizes de sua visão do conjunto como nenhum outro, a obra é um extraordinário *tour de force*. Ela foi publicada em 16 de novembro de 1887, mais uma vez por Naumann e de novo à custa de Nietzsche, porque agora ele considerava Fritzsche, apesar de bem –intencionado, incompetente. Depois, de escrever *A Genealogia da Moral*, Nietzsche decidiu que este seria o livro que concluiria uma “época”, encerraria sua “narrativa de desenvolvimento” e “significaria uma linha divisória na minha existência até este momento”, e não a versão ampliada de *A Gaia Ciência*. “Estou”, escreveu no final de dezembro, “em um momento intermediário: uma porta se fecha e outra se abre”, a porta para a “obra principal de minha existência”, *A Vontade de Poder* (YOUNG, 2014, p. 565-566).

A filosofia a golpes de martelo estilhaça e fragmenta a vontade de verdade, que se apresenta a nós sob a forma da moralidade. Ora, Nietzsche após minar as bases transcendentais da moralidade cristã com o seu método genealógico, em 1888 elaborou *Crepúsculo dos ídolos*, obra que tinha como subtítulo *Como se filosofa com o martelo*, concluída semanas antes de seu colapso mental. Nesta, o filósofo alemão revela um trabalho brilhante, onde ataca ídolos eternos e os de sua própria época, desferindo golpes de martelo – para usar sua própria metáfora –, em Sócrates, na razão, na moral, nas ideologias de melhoramento da humanidade, nos modelos de educação, nos costumes, nas instituições etc.. Mas, o que nos chama atenção, e que podemos relacionar com sua perspectiva de Grande Política, é o projeto que o mesmo denomina de *Transvaloração de todos os valores*.

Nietzsche em sua vontade ardente de criação e autolegislação de novos valores e novos preceitos a favor de uma cultura e de uma política superior e *grande*, apresenta no *Crepúsculo dos ídolos* a imagem metafórica do martelo, no sentido de indicar uma forma de pensar agressiva, guerreira e combatente, trata-se de um pensamento que possa colocar os valores dominantes debaixo de marteladas, na tarefa de construir algo novo depois que os ídolos fossem destruídos, e um desses ídolos seria, obviamente, a própria moralidade. Com efeito, afirma Nietzsche (2011a, p. 50):

Eis a fórmula mais geral que está no fundamento de todas as religiões e morais: ‘Faça isto e aquilo, não faça isto e aquilo – assim serás feliz! Caso contrário...’ Todas as morais, todas as religiões, são imperativo – eu o chamo de o grande pecado original da razão, a *desrazão imortal*. Em minha boca, essa fórmula se transforma em seu contrário – *primeiro* exemplo de minha ‘transvaloração de todos os valores’.

A palavra que melhor traduz a fórmula na citação acima é *Umwertung der Werte*, ou seja, a transvaloração de todos os valores, algo notável é que em *Ecce homo* Nietzsche confirma que o primeiro livro da transvaloração de todos os valores seria o *Anticristo*, seguido das *Canções de Zaratustra*, que depois recebera o nome de *Ditirambos de Dionísio*, ao lado também de *Crepúsculo dos ídolos*. O verdadeiro objetivo de *Umwertung* era de fato causar uma implosão na ordenação moral do mundo, abalar as estruturas cognitivas que aspiraram se realizar pela vontade-verdade, como Nietzsche (2012, p. 12) exclama em *Além do Bem e do Mal*, no aforismo 1: “[...] o que em nós, aspira realmente à verdade? E a resposta é clara: a vontade de verdade em que a veracidade se desenvolve está enraizada numa compreensão moral do mundo.” Falar em vontade de verdade em Nietzsche nos remonta a uma afirmação do caráter metafísico da verdade, e o cristianismo seria o melhor exemplo de cultivo da veracidade, é preciso deixar isso evidente.

Nietzsche entendeu que o problema da verdade apresentou-se à sua frente, portanto, não sem razão, Viesenteiner (2006) reitera que se um dos objetivos prioritários de Nietzsche com sua genealogia/transvaloração foi colocar em questão o valor desta própria moralidade a fim de desestabilizar, e uma das seivas que nutre a estabilização da moral é a própria vontade de verdade, então criticar a moral é, primeiramente, operar um prelúdio que consiste na genealogia/ transvaloração da vontade de verdade, no sentido de que ela mesma também terá de ser colocada em questão.

Portanto, a Grande Política enquanto contra movimento, contra discurso contra a veracidade cristã, é absorvida pela *transvaloração de todos os valores*, sobretudo, do valor da vontade de verdade que é desmascarada nas entrelinhas da *Gaia Ciência*:

[...] essa incondicionada vontade de verdade: o que é ela? É a vontade de não se deixar enganar? É a vontade de não enganar? Pois também desta última maneira poderia ser interpretada a vontade de verdade... “Vontade de verdade” – isso poderia ser uma velada vontade de morte [...] (NIETZSCHE, 2014, p. 219-220).

Por meio da *transvaloração de todos os valores em par com o método genealógico*, Nietzsche em sua perspectiva acerca da Grande Política propôs as condições necessárias para o advento dos *filósofos legisladores*, cujo ato supremo de coragem seria a criação de novos valores, ato criador e legislador que seria viável apenas através do transvalorar (*Umwertung*) e do criar (*Züchtung*), o que importaria a “necessidade de novas tábuas de valores. E o combate contra os representantes dos velhos valores “eternos”, a nossa mais elevada preocupação!”(NIETZSCHE, 2007b, p. 215-216).

Para Nietzsche, a tarefa do governo da terra está a caminho e, nessa medida, surgirá a questão de saber como queremos o futuro da humanidade. Para tal advento tratar-se-á, pois, de

[...] preparar uma transvaloração dos valores para uma raça humana forte e bem definida, dotada da mais alta intelectualidade e da maior energia, desencadear nela prudentemente para esse efeito uma multidão de instintos reprimidos e caluniados: quem quer que tenha refletido nesse programa é dos nossos, é um espírito livre [...] (NIETZSCHE, 2007b, p. 225).

### 3 O NIILISMO E A GRANDE POLÍTICA

Escolher o *niilismo* como uma etapa que pode figurar como aquela na qual se realiza a perspectiva da Grande Política, não é algo completamente novo, mas analisar tal conceito de forma a aproximá-lo ao movimento da Grande Política, no que se refere aos momentos da transvaloração de todos os valores, à dimensão da vontade de verdade inoculada na modernidade e a superação da tradição político-moral do Ocidente, requer cuidados adicionais. Não obstante isto entendemos que uma escalada pelo *niilismo* em Nietzsche faz-se necessário para alcançar o cume de seu pensamento sobre a Grande Política.

Viesenteiner (2006) apresentou uma concepção de que o ponto chave da crítica corrosiva nietzschiana à unilateralidade político-moral (interpretação dada pelo comentador) foi, pois, uma estratégia da perspectiva niilista da igualdade, do nivelamento e da homogeneização de todos, para poder manter uma *pseudo* fachada humanista, expressa principalmente no conjunto de acontecimentos que se desenvolveram nos tempos modernos, emblemáticos nos movimentos políticos da modernidade.

Ao se falar em perspectiva niilista da igualdade, nivelamento e homogeneização de toda a humanidade, o que está em consideração é o processo de *décadenceda* modernidade, conduzida inteiramente pela negação, pela *vontade do nada*, expressos em especial no plano da axiologia, especificamente com a crise de todos os valores. Atentemos para os comentários esclarecedores de Viesentainer (2006, p. 29-30):

Ao contrário do que se poderia pensar, ao debruçar-se sobre a tradição decadencial do Ocidente, Nietzsche não repele este processo decadencial, mas antes, acolhe-o inferindo que ele está entre aquelas coisas mais desejáveis que pudessem existir. O horizonte que está à frente de Nietzsche é precisamente o de efetivar sua lógica por completo. Nesse sentido, este processo que é conduzido pela vontade de nada e que possui como dinâmica a negação niilista de toda alteridade, tem conferido precisamente neste fenômeno, o caráter de *necessidade*. O acolhimento da doença deve, portanto, ser entendido como meio para uma subida, um avanço, uma intensificação da vida.

O diagnóstico que Nietzsche lança sobre a modernidade pode, claramente, ser entendido a partir de uma perspectiva niilizante, sobretudo para este que se definiu como o primeiro niilista completo da Europa. Ora, Nietzsche atravessou o *niilismo* rumo a algo maior – a Grande Política. Qual seria a tarefa do niilismo? Qual o seu verdadeiro significado? Conforme Nietzsche (2008, p. 29): “Que os valores supremos desvalorizem-se. Falta o fim; falta a resposta ao “Por quê? [...]”, pergunta essa que só poderá ser lançada pelos *novos filósofos*. Quanto a isso, diz Viesenteiner (2006, p. 67), que:

Por que, pois, o advento do niilismo é doravante *necessário*? Pois são nossos próprios valores de até então que extraem de si suas últimas consequências; pois o niilismo é a lógica final de pensamentos dos nossos maiores valores e ideais -, pois devemos primeiramente vivenciar o niilismo, a fim de descobrir qual era, de veras, o *valor* destes ‘valores’... Nós necessitamos, futuramente, de *novos valores* [...].

Por conseguinte o propósito do niilismo seria justamente o desdobramento de um processo decadencial que, em andamento, foi se efetivando em todas as esferas da cultura até desembocar na execução da lógica final dos próprios valores cultivados pela tradição ocidental. De certo que, tais valores chegaram à derrocada final para então os legisladores encontrarem um solo fértil para legislar e criar uma tábua de novos valores. Estaria aí o advento da *nova terra*, uma terra preparada para os *homens superiores*.

Em síntese, pode-se dizer que Nietzsche objetivou com seu projeto de transvaloração de todos os valores, a sua genealogia e o seu conceito de *niilismo*, minar a modernidade e todos os valores que nela se alicerçaram na esfera da cultura, da religião, da política, das ciências e da filosofia, para então empreender uma dinâmica de destruir para *re-construir* algo completamente novo, por isso, que entender a modernidade como um sintoma de decadência/niilista, esgotaria todos os horizontes de expectativas da modernidade a fim de fazê-la realizar uma *autorreflexão* sobre si mesma, passo este tomado por Nietzsche no intuito de arquitetar uma conjuntura de uma perspectiva macro da Grande Política. De acordo com Constantinidès (2007), em *O niilismo extático como instrumento da grande política*:

O niilismo não é obrigatoriamente uma paralisação, um impasse evolutivo, por assim dizer, e poderia – sob certas condições – revelar-se uma etapa necessária rumo a um novo horizonte, o do homem pleno, soberano, o do *além – do – homem*. De qualquer forma, é esse ‘perigoso

poder-ser', essa aurora possível o que motiva a Grande política nietzschiana, concebida como um remédio *adaptado à* decadência (no sentido em que a entende *Ecco Homo*).

É importante ter a compreensão de que Nietzsche opera cirurgicamente sua empreitada a fim de ser uma antítese, partindo, para tal, da premissa de que há um caráter de universalidade dogmático da moral, assentada sobre uma vontade de verdade, que igualiza e uniformiza a todos, acabando com as diferenças e refreando a vida ao fatalismo do rebanho, sendo sua admissão a condição para haver uma superação tanto da moral quanto do homem, rumo a uma afirmação da vida e a construção de novos valores afirmativos desta, considerando relevante as experiências existencialistas. De acordo com Ansell-Pearson (1997), Nietzsche procurou restaurar um modelo nobre da ação humana, em que o caráter é encarado como destino e a vida como experiência. Uma nova casta, uma cultura mais elevada e mais nobre estaria às expensas para construção de um novo edifício humano, não mais a favor de vontades de verdade, mas aliado à vontade de poder, como tarefa e princípio de reavaliar toda a condição existencial do humano, para tornar-se homem ou poderíamos chamar de *além-do-homem* – aquele já desaparecido na moralidade, na cultura e política moderna. Quanto a este, diz o próprio Nietzsche (2011b, p. 145-146):

Eu sou, de longe, o homem mais terrível que existiu até hoje; isso não exclui o fato de que eu venha a ser o mais benéfico. Eu conheço o prazer de **aniquilar** em um grau que corresponde à minha força para a aniquilação – e em ambos os casos eu obedeco à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o 'fazer-não' do 'dizer-sim'. Eu sou o primeiro imoralista: e com isso sou o aniquilador *par excellence*.

Apesar de se considerar um decadente, o próprio Nietzsche se coloca como sua antítese, se coloca na fila dos niilistas, porém, um niilista ativo – posto que já, em si mesmo, vivenciou o *niilismo*. É interessante observar que Nietzsche, em um texto póstumo de 1887, designou dois tipos de *niilismo*, que seria o *niilismo* passivo e ativo, cabendo, portanto, atentar para o que significa cada um deles e por que o próprio Nietzsche se pensa como um niilista ativo, para assim comensurarmos a importância do *niilismo*, como circunstância para o horizonte da Grande Política.

Há de se observar que Nietzsche melhor se qualifica como niilista exemplar, sobretudo, em virtude dele mesmo ter sido o único *louco* a decretar a morte de Deus. Sabemos que Deus é o símbolo maior de uma moralidade e fundamento máximo de toda a transcendência e dos valores nela enraizados, ideais supraterrâneos que nortearam sistemas de crenças e valores metafísicos. No mundo moderno, Deus, solapava o antropocentrismo, uma vez que, em última análise, ele mesmo era o centro de todas as coisas, o ponto de convergência delas, porém Nietzsche decreta sua morte e acaba por trazer um impacto enorme sobre toda a Europa e sobre todo moderno; que impacto seria esse? Justamente a própria questão do *niilismo*, da perda de um significado, porém, ao mesmo tempo, o espaço cedido para nos recriarmos agora a partir de novas significações existenciais.

Aponta Lawrence Hatab (2010) que, somos, então, impelidos frente a uma escolha: ou nos desintegramos no niilismo ou procuramos repensar o mundo em termos naturalistas, livres da reverência aos construtos do ser. De acordo com Nietzsche (2014, p 221-222, grifo do autor), em sua *Gaia ciência*, no aforismo 346:

*Nosso ponto de interrogação. – [...] A inteira atitude "homem contra mundo", o homem como 'princípio negador do mundo', o homem como medida de valor das coisas, como juiz de mundos, que por último ainda põe a existência mesma sobre sua balança e a acha leve*



demais – o monstruoso mau gosto dessa atitude nos veio à consciência como tal, e nos ofende – e já rimos quando encontramos ‘homem e mundo’ colocados lado a lado, separados pela sublime pretensão da palavrinha ‘e’! Mas como? Será que justamente com isso, rindo, não damos simplesmente um passo adiante no desprezo pelo homem? E, portanto, também no pessimismo, no desprezo pela existência que *nós* podemos conhecer? Não caímos, justamente com isso, na suspeita de uma oposição, de uma oposição entre o mundo em que até agora nos sentíamos em casa com nossas venerações – em virtude das quais, talvez, *tolerávamos viver* – e um outro mundo, *que somos nós próprios*: uma inexorável, radical, profundíssima suspeita sobre nós mesmos, que se apodera de nós, europeus, cada vez mais, cada vez pior, e facilmente poderia colocar as gerações vindouras diante deste terrível ou-ou: Ou abolir vossas venerações, ou – *vós mesmos!*. Este último seria o niilismo; mas o primeiro não seria também ...o niilismo? – Esse é *nosso* ponto de interrogação.

Como nos lembra em certo momento da história da filosofia um sofista chamado Protágoras, que o homem é a medida de todas, assim também lembra Nietzsche. Na passagem supracitada, Nietzsche coloca em cheque a questão dos *mundos*: um, no qual vivemos baseando nossas crenças e venerações supraterras e outro mundo, no qual tudo aquilo que acreditávamos como verdade deixa de existir. Ora, se o homem passa então a ser considerado como medida para todas as coisas é somente a partir dele que a existência ganha significado, portanto, somente a partir dele pode haver tanto afirmação quanto negação, ou seja, o mundo que se apresenta não passa de algo construído e valorado pelo próprio homem. Contudo, Nietzsche desafia o próprio homem (moderno) a restaurar a legitimidade das condições do tornar-se, porém, para tanto, este deve necessariamente operar uma antítese, negação desse mundo moderno e cristão que se apresenta perante ele, e o adjetiva enquanto decadente por se constituir a partir de valores metafísicos e sobre fundamentos apoiados em verdades morais transcendentais.

Será dessa forma que irá operar o *niilista* Nietzsche em prol de uma nova valoração do mundo e do próprio homem, para então criar *outro mundo, e um novo homem* abolindo de vez as venerações, possibilitando, assim, um tornar-se, uma grandeza de espíritos, uma evolução do próprio homem, bem como de todas as esferas que o constitui, como a política, a cultura, a sociedade, a humanidade.

Com relação às duas formas de niilismo, as quais fizemos alusão anteriormente, há que se observar que Nietzsche notadamente distingue-as, em um texto póstumo de 1887<sup>1</sup>, pelo nome de *niilismo* passivo e, no fragmento 22, de *Vontade de Poder*, afirma que o “Niilismo. Ele é *ambíguo*. A. Niilismo como sinal de *poder incrementado do espírito*: como. B. Niilismo como *decadência e recuo do poder do espírito*: o niilismo *passivo*” (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

O *niilismo passivo* representa uma *sensação profunda do nada*, exprimindo assim declínio da vontade de poder<sup>2</sup>. Sendo assim, Nietzsche concebe o *niilismo* passivo como declínio e regressão do poder do espírito, o que revela um sinal de fraqueza naquele que se rende aos objetivos e valores autorizados e legitimados pelos discursos das vontades de verdade no mundo. Portanto, o homem lançado

---

1 Salienta-se que os fragmentos póstumos de 1887 estão reunidos em *Vontade de Poder – tentativa de uma transvaloração de todos os valores*, que não é uma obra e sim uma coletânea de textos, que em sua primeira versão de 1901 contava apenas com 483 fragmentos, já na segunda edição de 1906 acabou surgindo com 1.067 fragmentos.

2 Vattimo (2010), em *Diálogo com Nietzsche*, esboça uma interpretação bastante singular do *niilismo passivo/reactivo* nietzschiano e que nos parece bem próxima da concepção de Nietzsche.

em uma regressão do espírito acaba por inundar-se num sentimento de vazio, angústia, pois o mundo em que acreditava deixou de existir. Trata-se, pois, de um *niilismo* do declínio e do esgotamento das forças que o presidiam, uma forma de imersão no pessimismo e *no sentimento inibidor da vacuidade de tudo*: nada tem valor, nada mais vale à pena. De acordo com Vattimo (2010, p. 242-243):

A caracterização essencial do niilismo reativo ou passivo não é a negação: ao contrário, esse niilismo sempre assumiu, em suas várias formas históricas, uma aparência afirmativa, já que seu objetivo era esconder o nada que está no fundo de tudo o que é considerado ser, valor, estrutura estável. O niilismo passivo também é denominado reativo precisamente porque – quando os valores supremos se dissolvem (e isso é uma espécie de lado ‘objetivo’ do niilismo) – se recusa a tomar conhecimento desse aniquilamento e, para restaurar, curar, tranquilizar, maravilhar, usará todos os ‘disfarces, religiosos, morais, políticos ou estéticos’ (VIII, 9/35). A ligação entre passividade e reatividade mostra-se clara: a reação, ou seja, a invenção de todo tipo de disfarces, de máscaras ideológicas, é um aspecto da atitude que se recusa a reconhecer que não existem significados e valores *objetivos*, estruturas *dadas* do ser, e que por isso seria preciso criá-los ativamente.

O que parece é que Vattimo, em sua interpretação acerca do *niilismo passivo*, quer revelar uma reação da própria vontade e não uma negação. Reatividade para Vattimo estaria ligada, nesse caso, à passividade e a preguiça, pois bem, será apenas no *niilismo* passivo que não haverá necessidades de criar novos fins e de criar novos significados. Se não há uma vontade criadora diante do *niilismo passivo*, se estabelece um desânimo no seio da condição existencial de cada indivíduo. Por esse turno, também Nietzsche afirmou contundentemente que o *niilismo é a expressão da decadence*. Portanto, considera-se relevante aqui demonstrar o que o próprio Nietzsche considera como sendo decadência. No fragmento 43 da *Vontade de Poder*, Nietzsche (2008, p. 44-45), destaca sete assertivas que estariam relacionadas ao conceito de “*decadence*”, vejamos quais são elas:

1. O ceticismo é uma consequência da decadência: tanto quanto a libertinagem do espírito.
2. A corrupção dos costumes é uma consequência da *decadence* (debilidade da vontade, necessidade de fortes meios estimulantes -).
3. Os métodos de cura, psicológicos e morais, não modificam o curso da *decadence*, eles não a detêm, são fisiologicamente *nulos* -: Entendimento da *grande nulidade* dessas “reações” arrogantes; trata-se de formas de narcose contra certos fenômenos-consequências fatais; elas não extraem o elemento mórbido; são frequentemente tentativas heroicas de anular o homem da *decadence*, de conseguir um mínimo de sua perniciosa.
4. O niilismo não é nenhuma causa, mas somente a lógica da *decadence*.
5. O “bem” e o “mal” são somente dois tipos da *decadence*: eles se sustentam mutuamente em todos os fenômenos fundamentais.
6. A *questão social* é uma consequência da *decadence*.
7. As doenças, antes de tudo as doenças dos nervos e da cabeça, são sinais de que falta a força *defensiva* à natureza forte. Precisamente a favor disso pronuncia-se a irritabilidade, de modo que *prazer e desprazer* tornam-se problemas de primeiro plano.

Diante do exposto acima com relação à *decadence*, vale ressaltar que um dos grandes méritos de Nietzsche foi considerar o *niilismo* uma etapa inevitável e fundamental da vida, por simbolizar o fim da mais longa mentira moral na qual a humanidade teve que se lançar ocasião esta única de devolver ao homem uma confiança em si e no futuro. Como diria Constantini (2007, p. 133), “um horizonte virgem afigura-se assim sobre as ruínas do ideal moral.” Mas tal passo só estaria completo, com o outro sentido do *niilismo*, o *niilismo* ativo – única possibilidade de se contrapor ao que já se encontra esgotado no indivíduo ao ser lançado no pessimismo, no egoísmo e no vazio da *passividade*.

Este inversamente, o é um *niilismo* criador, caracterizado pela alegria de espírito e consiste em operar a antítese da contradição. Por esse motivo Nietzsche se coloca na esteira dos niilistas ativos.

O *niilismo* ativo é simbolizado pelo sinal de uma força criativa, criar novos fins e novos significados, de modo que possamos continuar existindo diante da aniquilação dos valores, pelo seu esvaziamento de significados. Ao contrário da passividade niilista, o ativo representa um poder aumentado do espírito, “[...] sua máxima de força relativa, ele o alcança como força violenta de destruição: como [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 37). Corroborando Wotling que “o desmoronamento dos valores acarreta então não a angústia (...), mas a alegria de ter que criar novas interpretações das coisas e, sobretudo, valores novos; o

*Niilismo enquanto sinal do poder aumentado do espírito: enquanto. Pode ser um sinal de força: a força do espírito pôde aumentar tanto que os objetivos fixados até então ('convicções', artigos de fé) já não estão à sua altura (FP XIII, 9 [35]). Por isso é que a morte de Deus, designação figurado do niilismo, a 'vermelhidão do poente' evocada na Tentativa de autocrítica, representam simultaneamente a promessa de uma nova aurora – de uma nova interpretação da realidade e de uma nova valorização (WOTLING, 2011, p. 50).*

Assim, pois, importa agora compreender que, sob a *insígnia de uma nova aurora*, nas encruzilhadas de uma transmutação de todos os valores, pode então ressurgir um *novo mundo* e assim *novos homens*. Nietzsche acaba por definir que, com o advento do niilismo, a tentativa de transvaloração de todos os valores estaria consumada, e um contra movimento se estabeleceria na sociedade e entre a humanidade, todavia, para alcançar um novo *porvir*, *novos valores*, seria necessário que se designassem formas de vida que, por sua força e vitalidade, criassem sempre novas interpretações que se combatessem sem cessar, legitimando assim a existência da condição humana entregue a si mesmo, como processo de autorreflexão, sem precisar de tutores transcendentais, *ideais supraterrâneos, ideais de rebanho, moral universalizante e transcendental*.

Ora, dessa forma, está pronto o terreno para a realização da Grande Política, conforme advertem e provocam as palavras do próprio Nietzsche (2013, p.49), no aforismo XIV, da *Genealogia da Moral*:

[...] quer alguém olhar comigo até o fundo do mistério onde se oculta a fabricação do ideal. Sobre a terra? Quem tem forças para isso? Olhai. Aqui temos uma janela aberta para essa tenebrosa oficina. Mas esperai um pouco, senhor temerário; é preciso que a vossa vista habitue a esta falsa luz, a esta luz cambiante [...].

Aproximar os dois conceitos de *niilismo* ao projeto da Grande Política requer algumas inflexões que pontuaremos adiante, uma vez que entendemos que essa falsa luz, acima mencionada, refere-se ao assombramento causado pelo esvaziamento de sentido da vida, inundada pela enchente do *niilismo*. Nietzsche definirá a Grande Política em um fragmento póstumo e aqui apresentaremos alguns princípios por ele ditados, que sintetizam o projeto maior da Grande Política, são eles:

*Primeiro princípio:* a grande política quer que a fisiologia seja a rainha de todas as outras questões: ela quer criar um poder suficiente forte para *educar* a Humanidade, como um todo superior, com uma dureza sem contemplação, contra tudo o que há de degenerado e parasítico na vida – contra o que perverte, contamina, denigre, arruína [...] e que vê na negação da vida o emblema de uma espécie superior de espírito.

*Segundo princípio:* Guerra de morte contra o vício: é viciosa toda espécie de contranatureza. O sacerdote cristão é a espécie de homens mais viciosa que há: pois ele ensina a contranatureza.

*Terceiro princípio:* criar um partido da vida, suficientemente forte para a *grande* política faz da fisiologia a rainha de todas as outras questões – ela quer *educar* a Humanidade como um todo, ela avalia o lugar das raças, dos povos, dos indivíduos, segundo o seu [-] futuro, segundo a garantia de vida que carrega o seu futuro – ela coloca impiedosamente um fim a tudo que é degenerado e parasítico.

*Quarto princípio:* o resto decorre daí<sup>3</sup> (NIETZSCHE, 2007b, p. 237-238).

De modo sintético, podemos depreender do exposto, que Nietzsche pretendeu estabelecer como tarefa da Grande Política uma preparação para o advento dos filósofos legisladores – uma nova raça de homens capazes de superar a moralidade do rebanho e de criar novas significações, novos valores norteadores de uma elevação da própria humanidade, elevação de espírito. Nietzsche concorda com a ideia de que o movimento extremo caracterizado pela modernidade niilista endereçará à Grande Política, caracterizada pelo cultivo de uma nova Paidéia, através também de uma seleção daqueles que lançaram sobre a terra novos *por quês?* – sendo que é destes que precisa a humanidade. A nova Paidéianietzschiana é pontuada muito bem por Conill (2015, p. 9), ao dizer que: “A ‘criação’ de uma ‘raça de senhores’ é interpretada por Ottmann como uma nova ‘paidéia’, ligada à fisiologia, que haveria de criar os futuros senhores da terra, como uma aristocracia, que poderia servir-se até da Europa democrática para dispor do destino da terra”.

É necessário entender que a Grande Política de Nietzsche possui um conteúdo positivo: reencontrar o mundo, “ensombrecido” pelo ideal moral, e devolver à vida, abatida e rasa após a morte de Deus (advento do niilismo), toda a sua substância, a esquecida profundidade da imanência, da sombra dionisíaca (CONSTANTINIDÈS, 2007, p. 137). A força que se observa na concepção da Grande Política em Nietzsche é a conservação de forças capazes de governar e efetuar uma educação, efetivando, assim, um governo global, inserindo o homem numa legislação, de maneira que este se coloque constantemente novos horizontes de expectativas, não mais unilaterais e absolutas, porém, doravante, experimentalistas e eminentemente *agonistas* (*guerra, combate*). Ressaltando que a guerra, o *agon*, que propõe Nietzsche em sua Grande Política, possui aí um sentido espiritual e de elevação de uma cultura superior, superior no sentido de se contrapor à moralidade de rebanho, louvada e pregada pela tradição político-moral, que norteou os ideais modernos sob a couraça da vontade de verdade. Mas, entendamos melhor, através das palavras do próprio filósofo, tal empreitada:

---

3 Varela (2010, p. 170-171) chama atenção para o fato de que, tanto na primeira fase do pensamento nietzschiano quanto posteriormente, prevalece a ideia de que há uma legalidade na natureza, isto é, uma ordem ditada por esta, que estabelece a heterogeneidade entre os homens, por isso as propostas no sentido de homogeneizá-los são tidas como contranaturais pelo filósofo. Nessa diferenciação, explica ainda o referido comentador, os preponderantemente espirituais são selecionados e são em menor número, enquanto que os medíocres são em maior número. Com base nisso é possível avaliar que mesmo quando Nietzsche fala sob a perspectiva de uma reeducação em sua Grande Política ela estará circunscrita aos limites naturalmente impostos por essa heterogeneidade, sendo praticamente impossível, nessa ótica, assimilá-la a uma proposta niveladora. Entretanto, esse retorno à natureza trás uma outra dificuldade à filosofia de Nietzsche, que é a proximidade com ideias presentes na república platônica, o que não seria um problema se ele não tivesse criticado tão duramente o platonismo.

Preparar uma *transvalorização dos valores* para uma raça humana forte e bem definida, dotada da mais alta intelectualidade e da maior energia, desencadear nela prudentemente para esse efeito uma multidão de instintos reprimidos e caluniados: quem quer que tenha refletido nesse programa é dos nossos, é um espírito livre, mas de uma outra espécie, diferente daqueles que foram até agora chamado de espíritos livres; pois estes desejavam quase o contrário. É preciso computar entre eles, ao que me parece, antes de mais nada, todos os pessimistas europeus, os poetas e os pensadores do idealismo revoltados, na medida em que o seu descontentamento com a existência os obriga, pelo menos *logicamente*, a estar descontentes também com os homens de agora [...] (NIETZSCHE, 2007b, p. 225).

Pelo exposto, a proposta política de Nietzsche pós o advento do *niilismo* implica em preparar os homens para se tornarem os senhores da terra: os legisladores do futuro.

Em favor de uma interpretação hermenêutica acerca do pensamento político nietzschiano, compreende-se que o próprio *niilismo* é um evento consumado na modernidade, mas que designa a condição necessária para o desenvolvimento da Grande Política, sob as rédeas da desvalorização dos valores, ou seja, da perda de toda a autoridade reguladora de sentido dos ideais modernos, que nutriram até o momento (século XX) as concepções de verdade, como fundamento de toda a moralidade (cristã).

Ora, que os valores supremos se desvalorizaram, isso é expresso pela afirmação nietzschiana de que *Deus está morto*, portanto, logo após ter decretado o vazio de sentido, surge a necessidade de criarmos, legislarmos acerca de novos valores, tarefa esta relegada ao *novos filósofos, novos legisladores, futuros senhores da terra*.

O *niilismo* não é só uma ligeira e precipitada consideração a respeito de um “em vão” e não é só a crença de que tudo merece sucumbir. Indo além do *em vão*, representa no seu sentido ativo, o estado de espíritos e vontades fortes, que produzem, criam e legislam acerca do *novo*, gerando assim novos sentidos no vazio da faceta niilista passiva. Os valores e verdades (utilitaristas) recebidas da tradição rumo à modernidade, chegaram ao esgotamento total e, dessa forma, apresentaram uma base instrumental para o florescer da Grande Política – a base para uma nova interpretação da realidade e de uma nova valoração da vida, *nova moralidade*.

Nietzsche, em sua *Gaia Ciência*, esboça um pensamento cujo argumento central pode ser dividido em três etapas. A primeira etapa descreve o que seria uma cultura ou povo próspero, *uma teoria geral da saúde cultural*. Em segundo lugar, Nietzsche usou a teoria geral para diagnosticar a situação nociva e degenerativa da saúde física e moral de sua própria época. No terceiro, partindo da teoria geral, origina um relato da direção que nossa cultura deveria seguir para recuperar sua vitalidade, sua saúde. Este delineamento de um mundo futuro consistiu em um ideal, cuja realização constituiria a missão da vida dos espíritos livres para os quais o livro foi escrito (YOUNG, 2014, p. 396-397).

Pois bem, o que nos interessou neste breve ensaio foi demonstrar que Nietzsche ao diagnosticar que na medida em que tais valores e princípios, que foram os pilares da modernidade, acabaram sendo demolidos, ou melhor, implodidos pela dinamite do *niilismo*, o próprio *niilismo* passa a representar o sintoma de desagregação de uma unidade cultural, de seu declínio, de perda de coesão e consistência – portanto, um sinal de dissolução (GIACCOIA JR., 2002, p. 229). Nesse ponto de ebulição provocado pelo *niilismo*, diante a dissolução, necessariamente haverá uma recomposição. Será na recomposição que, mais uma vez, se reforçará o poder de antítese, a ser operado pelo no projeto maior da Grande política, argumentou Nietzsche (2007b, p. 213-214, grifo do autor), que:

Temos a necessidade de uma doutrina que seja bastante forte para exercer uma *disciplina*: fortificante para os fortes, paralisante e explosiva para os corrompidos. A destruição das raças decadentes. A decadência da Europa. A destruição dos valores escravos. A dominação da terra como meio de engendrar um tipo superior. A destruição da hipocrisia que se chama ‘moral’ [O Cristianismo como uma forma histórica de honestidade, ver aqui Agostinho<sup>4</sup>, Bunyan<sup>5</sup>]. A destruição do *suffrageuniversal*<sup>6</sup>: quer dizer, destruição do sistema graças ao qual as naturezas inferiores se impõem como lei para as naturezas superiores. A destruição da mediocridade e do seu prestígio [Os unilaterais, individualistas – povos, por exemplo, os Ingleses. Dühring<sup>7</sup>. É preciso se esforçar para alcançar a plenitude da natureza pelo acasalamento dos contrários: para com isso fazer um mistura de raças]. A nova coragem – nada de verdade *a priori* [do gênero daquelas que procuram novamente hábitos para acreditar!], mas uma *livre* subordinação a um pensamento dominante que é aquele da sua época, por exemplo, o tempo como propriedade do espaço etc..

Para concluir, Nietzsche escreve para uma espécie de homens que ainda não existe: para os *senhores da terra*. A existência de tais seres só será possível diante de uma experiência niilista para então lançar-se num projeto maior de superação de si através da Grande Política, cuja tarefa é formar uma casta dominante dotada de espíritos fortes, capazes de governar a terra globalmente. Concentrar todas as suas capacidades individuais conhecidas até agora numa única natureza, entender que natureza será essa e compreender a dimensão do homem superior como legislador do futuro, bem como a tarefa principal relegada aos *senhores da terra*, constituirá o núcleo central dos próximos ensaios na qual pretender-se-á a continuidade deste trabalho de pesquisa.

---

4 Santo Agostinho [354 – 430]: importante bispo teólogo e filósofo absorveu a filosofia platônica e cristianizou o idealismo de Platão em prol da elevação ascética para compreender os desígnios de Deus. As obras de Santo Agostinho influenciaram o pensamento teológico da Igreja Católica na Idade Média, bem como toda a modernidade cristã.

5 JhonBunyan [1628 – 1688]: escritor inglês que se converteu a um protestantismo de viés popular, em razão de suas frustrações com a República de Cromwell e com o reinado de Carlos II.

6 Em francês no texto: sufrágio universal.

7 Karl EugenDühring (1833 – 1921), filósofo alemão e professor da Universidade de Berlim.

---

## **HERMENEUTICAL HYPOTHESES: readings about the great politics in Nietzsche**

### **ABSTRACT**

The semantic charge of Nietzsche's thinking permeates the temporality of its own significance, the relevance of such a legacy brings us into discussion about a little debated perspective among scholars, namely politics. The purpose of this communication is to develop a reflection of political thought in Friedrich Nietzsche whose effort is in the interpretation of a conjuncture of works that maintains a dialogue by the means of a counter movement, defusing several blows to the homogenization of a decadent European culture. Thus, against a pseudo humanism based on the equality of all (caricature of modernity), against the moral political modernity of the West and against the progressive Enlightenment program of improvement of the man (moral political unilateralism), Nietzsche launches the perspective of a bias against discourse Of an apolitical thought, choosing the transvaluation of all modern values as the apex of the overcoming of the moral political tradition, whose possibility of transvaluation began to be drawn in the nihilistic perspective, the guiding thread to interpret Western history as decadent and critically analyze the present.

**Keywords:** Great Politics. Decadent. Transvaluation. Nihilist.

## REFERÊNCIAS

- ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche como pensador político: uma introdução.** Trad. de Mauro Gama, Cláudia Martinelli; consultoria, Fernando Salis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- AZAMBUJA, C.C. **Introdução ao método genealógico de Nietzsche.** Florianópolis v. 12, n.1, p. 127-142, jun. 2013.
- CONILL, Jesús. *A grande política.* **Cadernos Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.36 n.2, p. 83-116, 2015.
- CONSTANTINIDÈS, Yannis. O niilismo extático como instrumento da Grande política. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n° 22, p. 127-150, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia.** Trad. de António M. Magalhães. 2. ed. Porto: Rés-Editora, 2001.
- GIACÓIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche & Para além de bem e mal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HATAB, Lawrence J. **A genealogia da moral de Nietzsche: uma introdução.** Trad. de Nancy Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** Trad. de Mário Ferreira dos Santos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Textos Filosóficos)
- \_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro.** Trad. de Mário Ferreira dos Santos. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Textos Filosóficos)
- \_\_\_\_\_. **A vontade de poder.** Trad. e notas por Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes; apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo.** Trad. Apres. e Notas de Renato Zwick. Posto Alegre: L&PM, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Ecco Homo: de como a gente se torna o que a gente é.** Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2011b.
- \_\_\_\_\_. **Escritos sobre política.** Org. Trad. Apres. e Notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2007a. 2v.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Org. Trad. Apres. e Notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2007b. 2v.
- \_\_\_\_\_. **Obras incompletas.** Seleção e ensaio de Gérard Lebrun; Trad. e Notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; prefácio e rev. de Márcio Suzuki; posfácio de Antonio Candido. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2014. (Coleção Fábula).



OTTMANN, Henning. **Philosophie und Politik bei Nietzsche**. Berlin/New York. 1987.2. verb. Und. Erw. Anfl. 1999.

VARELA, Nicolás González. **Nietzsche contra la democracia: el pensamiento político de Friedrich Nietzsche 1862-1872**. Espanha: Montesinos Ensayo, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000**. Trad. de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Biblioteca do pensamento moderno).

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **A grande política em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 2006.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Nietzsche**. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção Vocabulário dos filósofos).

YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica**. Trad. de Marisa Motta. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

## MINIBIOGRAFIA

### **Wainer Furtado Neves**

Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão no ano de 2010. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Superior Franciscano no ano de 2011 e Especialista em Filosofia da Arte (Estética) pela Universidade Federal do Maranhão no ano de 2012. Mestre em Cultura e Sociedade pelo programa de pós-graduação interdisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal do Maranhão no ano de 2017. Percurso acadêmico enquanto docente na Universidade Estadual do Maranhão em áreas da Filosofia Geral, Filosofia do Direito e Metodologia Científica, além de ter feito parte do corpo docente no Programa Darcy Ribeiro executado pela Universidade Estadual do Maranhão onde lectionei Filosofia da Educação, Psicologia da Educação e Metodologia Científica em diversos cursos de formação em licenciaturas. Experiência com formação e capacitação de profissionais na área educacional. Atualmente permanece vinculado na qualidade de pesquisador sob a orientação da Doutora Zilmara de Jesus no grupo de estudos Kant na Universidade Federal do Maranhão.